

MARIA VANY DE OLIVEIRA FREITAS

A cidade “na palma da mão”: *experiências de mulheres em
situação de rua em São Paulo*

São Paulo, por que te amo?
Em meio a tanta agonia, vagueio por tuas ruas frias,
perdida neste mar de pedras; sem teto, sem mesmo o pão... e não
sei pedir.
O que faço aqui, se inutilmente vagueio?
Sou caluniada, magoada,
mas mesmo neste viver de desgraçada
eu te amo.
Só não amo tuas misérias, teu frio,
...passei noites na rua,
senti na pele suas madrugadas frias, sem cobertor, sem nada.
Fazendo do meu corpo cobertor, agasalhei minhas filhas. [...]
(Maria Elizabete Lima Mota).¹

O escritor italiano Ítalo Calvino, em seu clássico romance intitulado *As Cidades Invisíveis*, publicado em 1972, assinala que as cidades são lugares imaginários que nem sempre se limitam à determinação de formas harmoniosas, regulares ou simétricas do espaço urbano. Estão muito além dessas dimensões na medida em que se revelam subjetivas e intrinsecamente reflexivas. Sendo assim, as cidades imaginadas são concebidas enquanto lugares onde se vivem experiências diversas; lugares onde ocorrem efetivamente – e cuja ocorrência pode ser demonstrada – relações humanas essencialmente sinaliza-

1 Maria Elisabete Lima Mota, *Ave Vagueira*, São Paulo, Paulinas, 1986, p. 88.

das por sentimentos de satisfação, bem-estar, contentamento, mas, também, por frustrações.²

Nessa perspectiva, as análises aqui realizadas resultam do projeto de estudo que desenvolvi sobre população de rua, na cidade de São Paulo-Brasil, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutorado, em 2016. Aprofundar sobre os modos de ser, de viver e de conviver dos moradores de rua foi o que despertou em mim, o desejo de trilhar o caminho da pesquisa no período demarcado entre anos de 1970 a 2005.

Objetivando perscrutar algo sobre as vivências e experiências da população em situação de rua percorri ruas, praças e viadutos da cidade de São Paulo para me encontrar com pessoas que, nesses espaços, constroem relações e cultivam diferentes modos de vida. Valendo-me de procedimentos metodológicos próprios da história oral, realizei, entre os meses de julho a setembro de 2014, quinze entrevistas de histórias de vida com moradores de rua e cinco entrevistas com agentes, educadores sociais que com eles trabalharam desde a década de 70. Depois de observar grupos que se aglomeram na Praça da Sé, no Pátio do Colégio e na “Cracolândia”, espaços centrais da cidade, o contato com os entrevistados foi estabelecido em outros pontos estratégicos, como a “Casa de Oração do Povo da Rua”, localizada à Rua Djalma Dutra com Rio de Janeiro, no Bairro da Luz e no “Viaduto da Baixada do Glicério”.

Cabe salientar que escolhi esses lugares por serem dois dos principais locais de referência da população em situação de rua, que se reunia na região central de São Paulo no período delimitado na pesquisa. Ressalto que a Casa de Oração do Povo da Rua é, de acordo com os narradores, o lugar onde, desde os anos 70, os moradores de rua se encontravam para tratar de assuntos de seu interesse. Essa “Casa” é também referência do Vicariato Episcopal do Povo da Rua criado em 27 de dezembro de 1993 por Dom Paulo Evaristo Arns, então cardeal arcebispo de São Paulo, com o objetivo de intensificar as ações da Igreja de São Paulo junto às pessoas em situação de rua e de apoiar o seu processo de articulação incentivando-as à participação, à organização e à criação de alternativas de sobrevivência. A referida casa é, ainda hoje, um dos pontos de encontro da população em situação de rua na cidade. O espaço físico além de servir para

2 Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, [Torino, 1972], trad. port., Rio de Janeiro, O Globo, 2003.

celebrações de caráter ecumênico é também ocupado para reuniões, assembleias e articulação dos movimentos da população de rua. Já o “Viaduto da Baixada do Glicério” é recorrentemente mencionado pelos entrevistados como lugar onde o povo da rua se reunia para organização de passeatas, para programações de mobilizações e diversas reivindicações em defesa dos seus direitos e para o cozimento de uma *sopa coletiva*. A esse respeito, esclarece Freitas:

Debaixo do viaduto da avenida que corta em duas a Chinatown paulista ao final de uma feira de frutas, verduras e peixes era cozida a sopa comunitária. O trabalho teve início nos anos 80 como parte de todo um processo pedagógico que vinha sendo desencadeado na “*Comunidade dos Sofredores de Rua*” mediado pela Organização de Auxílio Fraternal – OAF e pela Fraternidade das Oblatas de São Bento. Esta ação também era inspirada na proposta do pedagogo brasileiro, Paulo Freire, autor de – entre outras obras – “Educação como prática da Liberdade” (2015) e “Pedagogia do Oprimido” (1987).³

As narrativas me inspiraram e contribuíram para elucidar a seguinte questão: quem são e como vivem as pessoas em situação de rua? O esclarecimento dessa questão exige uma análise que necessita ser atualizada de tempo em tempo, em razão das alterações que ocorrem no perfil dessa população, pois as cidades e a sociedade como um todo são construções históricas que sofrem profundas mudanças.

Dadas as várias possibilidades de análise que o objeto da pesquisa apresenta, neste texto fiz um recorte com a intenção de tratar da trajetória de vida de três mulheres, que, em períodos diferentes e por circunstâncias diversas, buscaram as ruas da região central de São Paulo como espaço de sobrevivência, lugar de refúgio para ancorar os mais diversos dilemas que afetam suas vidas. Como assinalam Rosa e Brêtas,⁴

3 Paulo Freire. *Educação como Prática da Liberdade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015; Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 17^a. Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, apud. Maria Vany de Oliveira Freitas. *Trançando os fios de uma história: população em situação de rua na cidade de São Paulo (1970-2005)*. Tese. (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2016.

4 Anderson da Silva Rosa, Ana Cristina Passarella Brêtas, *A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo*, Brasil. Interface 19 (53), Apr-Jun 2015, <https://www.scielo.br/j/icse/a/8T6c9LN8dqCzSJRfypZDbT/?lang=pt> Acesso em: 12/02/2023.

a vida nas ruas faz com que as pessoas, cotidianamente, se deparem com uma diversidade de situações que envolvem desafios, como o acesso à alimentação e ao transporte, dificuldades financeiras, vícios e estigma social. Embora em menor número, a mulher em situação de rua se torna mais vulnerável por viver em um contexto permeado por preconceitos, violência, desigualdade de gênero e de direitos sociais.

Sendo assim, o propósito é compreender algumas das razões pelas quais as narradoras passaram a viver nas ruas da cidade e analisar os sentidos que estas mulheres atribuem ao espaço urbano. Quem são essas mulheres? Quais os motivos que as teriam atraído para as ruas da cidade? Como elas vivem? O que pensam sobre a cidade? Como se veem e como são vistas? Quais sonhos e desejos cultivam?

Para tanto, o corpus documental constitui-se fundamentalmente de entrevistas, contendo histórias de vida sem, no entanto, prescindir de outras fontes, tais como jornais, documentos de arquivos de organizações não governamentais que a décadas atuam junto à população de rua, além de cartas, folhetos entre outros registros.

O argumento aqui é de que as questões colocadas estão eminentemente relacionadas ao conceito de identidade e, sendo assim, como hipótese postulo sobre a existência de um processo que, ao longo do tempo, vem se alterando numa espécie de movimento de destruição, construção e reconstrução da identidade desses sujeitos histórico-sociais que ocupam as ruas da cidade. Minha argumentação encontra apoio teórico em Stuart Hall,⁵ o qual relaciona aspectos da identidade cultural à diáspora, afirmando que essas questões têm provado ser tão inquietantes e desconcertantes, porque as identidades são construções históricas, múltiplas e plurais. Isto ocorre em razão de nossas sociedades serem compostas não somente de um, mas de diferentes povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Nesse sentido, Hall considera ser relevante buscar apreender sobre o que a experiência da diáspora provoca a nossos modelos de identidades culturais e trata da importância de se conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento depois da diáspora.

Assinala-se ainda que, inspirada nas metáforas construídas por Ítalo Calvino em *Cidades Invisíveis*, busquei extrair das histórias narradas por mulheres em situação de rua determinados sentidos que elas atribuem à cidade. Dessa maneira, tentei decifrar sinais que, em

5 Stuart Hall, *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, Universidade Federal do Minas Gerais, 2019.

suas palavras, traduzem diversos significados da vida humana vivida nas ruas de São Paulo.

Outrossim, procurando captar algo sobre como essas mulheres vivem no cotidiano da rua, quais regras de convivência adotam e sobre o binômio visibilidade e invisibilidade referente a quem vive em situação de rua, a interlocução foi feita com autores como Paulo Barreto, conhecido como João do Rio,⁶ literato em cuja obra *Alma encantadora da rua* descreve a complexidade e a diversidade com magnífica sensibilidade etnográfica; Gaston Bachelard, por sua vez, em *A poética do espaço* permite pensar em vivências do cotidiano que são essenciais para a determinação de valores humanos dos diversos espaços onde se vive,⁷ e Stuart Hall, que, como fora anteriormente mencionado, fez-me construir a noção de sujeitos de identidades múltiplas.⁸

O fenômeno população em situação de rua

Do ponto de vista conceitual, é importante explicitar a expressão população em situação de rua. Uma esclarecedora análise a esse respeito é desenvolvida por Maffei Rosa.⁹ Segundo esta autora, das décadas de 1970 a 1990, uma extensa e variadíssima nomenclatura foi utilizada para designar pessoas que vivem em ruas, praças, marquises, logradouros públicos e/ou que pernoitam nos denominados albergues, o que, além de revelar as representações que a sociedade constrói sobre essa população, expressa também a articulação com determinadas conjunturas sociais, econômicas e político-institucionais. Dessa maneira, «as denominações são historicamente construídas e empregadas para nomear as diferentes situações das pessoas que se utilizam da rua para morar e sobreviver na cidade de São Paulo».¹⁰

No levantamento feito por Maffei Rosa encontra-se um elenco de termos como desabrigados, encortiçados, mendigos, pedintes, vagabundos, favelados, alcoólatras, migrantes e migrantes recém-chegados, psicopatas, toxicômanos, carentes, população de rua, egressos de prisão, perigosos, indesejáveis, indigentes, marginalizados,

6 João do Rio, *A alma encantadora das ruas*, Goiânia, Grupo Educart, 2010.

7 Gaston Bachelard, *A poética do espaço*, São Paulo, Martins Fontes, 2008.

8 Hall, *da diáspora*; Idem, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

9 Cleisa Moreno Maffei Rosa, *Vidas de rua*, São Paulo, Hucitec/Rede Rua, 2005, p. 49.

10 *Ibidem*.

prostitutas, desempregados, delinquentes, doentes mentais, *homeless*, trecheiros, itinerantes, maltrapilhos, bêbados, bandidos, contraventores, marginais, sem-casa, homem de rua, sofredores de rua, povo de rua, entre outros nomes.¹¹

Ademais, outro importante estudo sobre o fenômeno população em situação de rua no Brasil, foi desenvolvido por Maria Lúcia Lopes da Silva que traça uma possível noção de quem é o morador de rua, nos seguintes termos:

Grupo populacional heterogêneo, mas que possui, em comum, a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, em função do que as pessoas que o constituem procuram os logradouros públicos (ruas, praças, jardins, canteiros, marquises e baixios de viadutos), as áreas degradadas (dos prédios abandonados, ruínas, cemitérios, e carcaças de veículos) como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente, podendo utilizar albergues para pernoitar e abrigos, casas de acolhida ou moradias provisórias.¹²

Concordo com as autoras acima citadas e entendo que essas concepções revelam a complexa realidade histórico-social e conjuntural que produz o fenômeno população em situação de rua. Sendo assim, considera-se que a existência desse fenômeno é uma das manifestações das relações desiguais que se revelam intensas na sociedade contemporânea. Dessa maneira, quando se fala de população em situação de rua, é necessário levar em conta as situações sociais que tornam visível a estrutura na qual se inserem os componentes desse grupo social.

Uma noção de situação, que para mim é bastante esclarecedora é desenvolvida por Coulon ao afirmar que,

a definição de situação depende ao mesmo tempo da ordem social tal como se apresenta ao indivíduo e da história pessoal deste. Sempre há um conflito entre a definição espontânea de uma situação por um indivíduo e as definições sociais que sua sociedade lhe oferece.¹³

11 *Ibidem*, pp. 29-76.

12 Maria Lúcia Lopes da Silva, *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*, São Paulo, Cortez, 2009, p. 136.

13 Alain Coulon, *A escola de Chicago*, São Paulo, Papirus, 1995, p. 41.

Duas ideias, em meu entendimento, fluem dessas perspectivas teóricas e as levei em consideração na tentativa de construir uma concepção que me ajudasse a melhor compreender o significado do que é viver nas ruas da cidade. A primeira ideia é de que a existência de pessoas nessa situação é reflexo de uma estrutura injusta e desigual e, portanto, trata-se de uma questão em que pessoas vivem circunstâncias e relações sociais e economicamente determinadas. Outra ideia que me parece relevante é a de que na tentativa de elaboração de um conceito sobre população em situação de rua é fundamental que se considere o que as pessoas que vivem nesta situação têm a dizer a respeito de si mesmas, de suas histórias pessoais, de seu encontro com a rua e de suas vivências nessa realidade.

Esse foi um dos percursos teóricos que procurei fazer para entender que além das definições acima colocadas e a título de complementação destas mesmas definições, a população em situação de rua é múltipla, diversificada e plural. Compõe-se de pessoas com variadas trajetórias individuais; têm procedências –geográficas, sociais, econômicas e culturais– diversas; cultivam múltiplas motivações, saberes, interesses, desejos e sonhos; criam, no interior do seu grupo social, diferentes artimanhas de sobrevivência. Podem ser, assim, definidas como sujeitos histórico-sociais, cujas identidades são reconstruídas na proporção em que vivenciam uma pluralidade de experiências. Consoante a essa definição, extraí das narrativas um fragmento que ajuda a pensar sobre o fenômeno população em situação de rua. Francisca dos Reis, de quem falei, mais adiante, realça a noção da diversidade de posturas e estratégias de vida das pessoas que se encontram nessa situação, nos seguintes termos:

Na rua tem de tudo e mais um pouco: bebedeira, mulher que se embriaga, fica dano espetáculo, dano show, sabe? E aí, eu ficava assim... falava: ai, meu Deus! É por isso que o povo fala que eles tratam todo mundo igual. Mas, não é igual, tem que ver, tem uma diferença. Tem quem bebe, tem quem usa droga, tem quem perde a noção da vida, tem quem se entrega, tem de tudo um pouco. Tem famílias inteiras que estão na rua por mero destino.¹⁴

14 Francisca dos Reis, em entrevista realizada nos dias 10 e 11 de julho de 2014, na sala de reuniões na sede da Organização de Auxílio Fraternal (OAF), localizada à Rua dos Estudantes, Baixada do Glicério – SP. As fitas gravadas compõem o arquivo pessoal da pesquisadora, autora do presente texto. Importante esclarecer que, na transcrição das narrativas optei por manter a originalidade da fala das entrevistadas, na tentativa de ser fiel, na medida do possível, à passagem do que foi dito para a grafia, sem modificar em nada o testemunho oral. Portanto, na

Em decorrência, suponho, a partir dessa fala, que a tendência atual das ruas das grandes cidades é de tornar-se, cada vez mais em espaços para o que Stuart Hall denomina de “experiências diaspóricas”,¹⁵ ou seja, espaços de encontros e, vale dizer, também de desencontros de identidades múltiplas. Hall explicita que o termo diáspora,

é um conceito fechado que se apoia sobre uma concepção binária da diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural requerem a noção derridiana de *différence* - uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim.¹⁶

Por conseguinte, entendo que no seio da população em situação de rua ocorre uma verdadeira mistura que se origina de inusitadas combinações de seres humanos com posturas, costumes, valores, hábitos, experiências e procedências diversas. Também nesse sentido a rua pode ser, com maior razão, compreendida como lugar de passagem. Ela é palco de um conjunto inumerável de cenas, que, de forma rápida, quase instantaneamente são vivenciadas por uma multidão diversificada.

A pesquisa indicou-me pistas de como essas pessoas iniciam suas trajetórias de vida na rua e as formas como vão paulatinamente identificando-se com esse modo de vida. O passo primeiro para essa identificação é resultado de grandes rupturas. Elas surgem, principalmente, do seio familiar. Assim sendo, os desencontros, desafetos, desavenças e perdas sucessivas provocam mudanças profundas no equilíbrio e no ritmo da vida e vão conduzindo de forma rápida à destruição de estilos específicos de vida e ao aprofundamento dos processos de exclusão. Nesse processo, é notável que as identidades dessas pessoas sofrem bruscas alterações, tornando-as como assinala

transcrição dos testemunhos orais, procurei não observar os critérios da linguagem formal. Aparecem, na transcrição, expressões próprias da maneira como as narradoras se expressam no cotidiano, bem como a ilógica de algumas falas e a inconclusibilidade outras. Adotei esse procedimento com o propósito de garantir, o mais possível, a autenticidade do que me foi narrado durante as entrevistas.

15 Hall, *Da diáspora*, p. 29.

16 *Ibidem*, p. 36.

Stuart Hall – em sua definição de sujeito pós-moderno -, como uma «celebração móvel», isto é, «formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os sujeitos são representados ou interpelados nos sistemas culturais que os rodeiam». ¹⁷ Isto, segundo Hall, corresponde a algo que é definido historicamente e não biologicamente. Nessa linha de análise, entendo a rua como espaço de recriação de identidades múltiplas, uma espécie de recriação que, conforme esclarece Hall se opõe à que é defendida pelos teóricos do Iluminismo que concebem o sujeito como dotado de uma identidade fixa e estável. O argumento é que esse sujeito foi descentrado e esse processo de descentramento resultou «nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno». ¹⁸

Ademais, articulada a essa análise concordo com a proposta metodológica de Benjamin, cujo interesse é reter de sua reflexão a atenção pelas ações, práticas, vivências e experiências dos “oprimidos” ou dos “vencidos da história” como os que, aqui, são histórica e socialmente considerados. ¹⁹

Virando as páginas da vida: esboços biográficos

São muitas as trajetórias de vida que se assemelham e se distanciam em circunstâncias variadas e, simultaneamente, mesclam-se em experiências e vivências de perdas, de abandono, de solidão, de violência, de sofrimento e de ínfimas doses de esperança. Portanto, fragmentos extraídos das histórias que me foram contadas são amostras de como essas pessoas iniciam suas trajetórias na rua e das formas como vão, gradativamente, identificando-se com esse modo de vida. O passo primeiro para essa identificação é resultado de grandes rupturas.

Vera Regina é ex-moradora de rua. Nasceu em São Paulo, no dia 25 de julho de 1949. Afirma ter estudado até o quinto ano do então ensino primário. A entrevista foi realizada nos dias 11 e 14 de julho de 2014, em sua residência. ²⁰

Atualmente, Vera Regina é aposentada, participa de um coletivo que se reúne semanalmente para estudos e reflexão bíblica, mora em um apartamento no segundo andar de um prédio composto por mais 33 apartamentos, no Bairro da Luz, em São Paulo. No final

17 Hall, *A identidade*, p. 12.

18 *Ibidem*, p. 46.

19 Walter Benjamin, *O anjo da história*, Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

20 Ver nota 14.

dos anos 70 e início de 80 o lugar denominado *Vilinha* ou *Cortição*, conforme descrição da narradora, era ocupado por moradores de rua que se distribuíam em 23 barracos, cobertos de telhado e plástico. A *Vila* era referência de uma das denominadas *comunidades dos sofrendores de rua* que, depois de muitos anos de luta, de organização e de intensa negociação – com mediação da fraternidade religiosa de nome Oblatas de São Bento e de leigos vinculados à Organização de Auxílio Fraternal (OAF) conseguiram, via administração de Luíza Erundina, então prefeita de São Paulo de 1989 a 1993, a compra do terreno que pertencia à Cúria Arquidiocesana. Ao processo de organização se juntaram outras 12 famílias oriundas de outros movimentos de luta por moradia e que não eram moradores de rua. Juntos conquistaram a moradia definitiva com a construção do prédio que foi concluído na administração da Prefeita Marta Suplicy (2001 a 2004).

Na memória de Vera fluem recordações do tempo em que viveu nos chamados *mocós* sob viadutos e em outros inusitados lugares da cidade de São Paulo. Recordar-se inclusive de ter passado muitas noites em esconderijos como bueiros desativados para se livrar de homens que a perseguiram. A trajetória de Vera na rua teve início em meados da década de 1970. É mãe de quatro filhos e tem três netos. A primeira filha faleceu quando ainda era recém-nascida. Alguns detalhes de sua história de vida são assim rememorados:

Olha, eu nasci aqui, mas eu não conheci parente nenhum. Nem mãe, nem pai, num conheço ninguém. Fui criada no antigo juizado que tinha aqui, entendeu? Acho que fui neném pra lá, mal nasci e fui. [...] Aí depois me mandaram pra Rio Claro. Eu devia ter uns nove anos quando me mandaram pra lá. Aí, no começo era um mar de rosas, mas depois, aí foi que começou o sofrimento: apanhar, ficar sem comer, deitada no cimento, castigo, sabe? Aí você sai tão revoltada que cê quer atacar todo mundo. Quando eu fiz 18 anos, a diretora arrumou uma casa de família e falou assim: - ó, se deu certo deu, se não deu certo o problema é seu! Então, fiquei uns tempos rodando ali, aí resolvi ir pra Araraquara. Fui tentar trabalhar de empregada doméstica. Aí, quando eu engravidei a dona da casa me pôs na rua, aí ainda consegui pagar aluguel. Tanto que na minha gravidez, eu não tinha nem o que comer, a não ser um leite que eles davam no posto. Não comia. Aí, minha filha nasceu. Ela morreu com 26 dias. Aí, já não tinha como pagar o aluguel do quarto e acabei ficando na rua, ali mesmo em Araraquara. Dormia em casa assim abandonada. Só que assim, por exemplo, quando eles via que você tava dormindo nessas casas vazias, eles demolia, des-

manchava, punha a baixo. Aí depois vim embora com a roupa do corpo. Fui até Campinas. Quando eu cheguei em Campinas tinha uma moça lá que ela queria vim pra São Paulo. Ela falou: - Vera, vamos que a gente pega carona. Aí vim pra São Paulo. Tinha o Centro de Triagem e Encaminhamento (CETREN), só que como eu não tinha documento eu não podia dormir lá dentro. O que que eu fiz? Arrumei um papelão e dormia debaixo do banco. Aí chegou um cara e falou: - olha, eu tenho uma casa, um quartinho ali. Sabe quando já tá estragado, estragado vai? E fui. Aí, quando eu cheguei no viaduto do Parque Dom Pedro, ele pegou e falou: - a casa é aqui! E puxou uma faca! Falou: - se você sair daqui cê vai direto pro caixão. Ai não teve jeito. Ali fiquei. E inclusive, com ele eu num bebia não. Mas, era assim, por exemplo: ele dava pinga (cachaça) pra mim e falava que se eu ficasse bêbada eu ia apanhar. Imagina, cê beber!... e num deixava cê fazer nada. Tinha um casal... casal não, o homem tinha duas mulheres e batia! Acabava com elas! Ele pegava e falava assim: - ó, é assim que tem que tratar a mulher. Falava pra ele. Como eu não tinha roupa ele pegou e falou: - vamos comprar roupa. Mas, o comprar roupa dele, não era comprar, era fazer varal.²¹

Infere-se de narrativas dessa natureza, que as tensões do passado e de um presente implícito conduzem apenas à intensificação das condições miseráveis de vida e a dificuldades cada vez maiores e já conhecidas por quem padece prolongados processos de exclusão e cai na pior das tensões: a desesperança, o desconsolo, a amargura revelada na completa incapacidade de percorrer outros caminhos para buscar ali, as possibilidades de uma autêntica humanidade. Nesse caminhar desordenado assinalado por total impotência, «a rua acolhe a incoerência da vida».²²

Além disso, nota-se pela narrativa que Vera Regina viveu toda a infância, adolescência e parte de sua juventude em orfanatos e juizados de menores. Desses lugares todos, por onde passou, guarda tumultuadas lembranças que, em sua memória emergem constantemente assinaladas por ofuscadas e confusas imagens que, por vezes se misturam tal qual um mosaico cujas peças se confundem pela imprecisão dos tempos, dos lugares e das situações vividas. O fio condutor das lembranças narradas por esta entrevistada é marcado pelos castigos que sofreu e por uma série de violências que ela afirma

21 Entrevista a Vera Regina, São Paulo, 11 e 14 de julho de 2014.

22 Olgária Matos, *Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*, São Paulo, Nova Alexandria, 2006, p. 118.

ter vivido em várias instituições e, obviamente na rua, ao longo de toda sua vida, até conseguir depois de persistentes anos de resistência e de luta coletiva, conquistar o direito à moradia.

Surpreendida pela expressão «fazer varal», durante a entrevista pedi à narradora para explicitar o significado desses termos, ao que ela prontamente explica: «Fazer varal é roubar roupa de madame que ficava estendida no varal, nas casas chiques. Aí roubava. Aí eu tava como uma madame (risos) embaixo do viaduto!».

É óbvio que depois de tantos desconcertantes trajetos marcados por derrotas, fracassos e movimentos de vida tão precários, para as pessoas em situação de rua, os traumas, as angústias, as cicatrizes «no corpo e na alma» as desilusões profundas são inevitáveis e visivelmente expostas nas palavras e na fisionomia dessas pessoas e, não raro, com efeitos drásticos no âmbito da sociedade.

Não obstante as situações degradantes de vida experimentadas nas ruas, que recorrentemente aparecem nas vozes das entrevistadas, as narrativas também indicam que, paradoxalmente, a atmosfera urbana chama-lhes a atenção e, de alguma maneira, as encanta. Sendo assim, o ambiente de beleza que, aparentemente, é inerente à cidade parece colocar as pessoas em estado de êxtase tal que as arrebatam a aventurarem-se em uma realidade desconhecida.

Dessa maneira, entre as histórias que me foram contadas, um emblemático exemplo desse hipotético encantamento encontra-se na trajetória de vida de Francisca dos Reis. Francisca nasceu em Andradina, cidade do interior do Estado de São Paulo, no dia 04 de março de 1954; afirma ter estudado até o oitavo ano do ensino primário. Desde que chegou em São Paulo, tornou-se moradora da Rua Anchieta, no. 35, calçada do Pátio do Colégio, no centro da cidade. A simpática senhora de cabelos grisalhos, de semblante sereno, muito sorridente, contando seus sessenta e quatro anos de idade, relatou-me que, «até julho de 2012, não conhecia a realidade da vida na rua». Traída em curtos momentos por lapsos de memória, sem recordar-se de tudo com clareza, Francisca afirma ter iniciado sua trajetória de vida na rua, no centro da cidade de São Paulo logo após o falecimento de sua mãe. Em seus relatos declara que fora casada durante doze anos, entretanto, diz a narradora:

fiquei viúva e fui morar com minha mãe. Na época que fui morar com minha mãe, meu padraсто também faleceu. Logo em seguida, minha mãe ficou sozinha e ficou doente. Aí era eu e ela. Eu me senti na obrigação de cuidar dela. Aí depois minha mãe também morreu.

A morte dos familiares foi o estopim para fazer com que Francisca dos Reis não pensasse nas possíveis consequências de «*deixar tudo em Andradina*» com a expectativa de realizar um sonho que estava guardado desde muito tempo. Conforme afirma, o centro da cidade de São Paulo foi o lugar que mais a atraiu por significar um espaço no qual parecia ser possível solucionar todo e qualquer dilema da vida. Dessa forma, declara:

eu vim sozinha, porque a minha família era eu e minha mãe lá no interior. Eu sempre tive um sonho de vim morar em São Paulo porque uma vez eu vim fazer um tratamento de saúde da minha mãe aqui. Uns nove eu fiquei aqui em São Paulo, mas eu fiquei lá na cidade de Guarulhos. Eu tinha assim uma ilusão aqui do centro de São Paulo. Eu andei vindo aqui algumas vezes com minha prima. Então eu conheci o centro de São Paulo e eu achava que aqui era a solução de todo e qualquer problema. Eu cuidei de minha mãe doente, uns nove meses mais ou menos. Aí, eu me afastei de tudo e de todos. Só vivia pra situação dela. No dia que eu perdi ela eu falei: - Bom, aqui agora não tem mais nada pra fazer aqui. Agora eu vou realizar o meu sonho. Vou pra São Paulo! E aí foi onde eu me deparei com essa situação.

Nas palavras das entrevistadas, são recorrentes os usos de expressões que manifestam desejos de realização de sonhos bem como o encantamento pela cidade, seguidas de outras palavras que, por sua vez, revelam frustrações ou sentimentos de desilusão, ao observarem que esses sonhos desceram ladeira abaixo e foram invertidos pelo avesso da vida, pois se depararam com a situação de rua. Assim, referindo-se à experiência de chegar a São Paulo e ir morar debaixo de uma marquise, de um viaduto, em uma praça, em um lugar qualquer, vivendo ao léu, sem um lugar decente onde reclinar a cabeça, Francisca lamenta com voz entremeada de lágrimas e sorrisos: «Mal sabia o que me esperava quando eu cheguei aqui!» E prossegue: «eu achava isso aqui lindo demais! A gente vive no interior, não conhece nada! Falei: - Ah, não! Um dia eu vou morar nessa cidade». E depois de interromper a narrativa no ritmo de intensas gargalhadas, acentua: «Só não imaginava como que eu ia vim morar. Foi isso que me motivou: o desejo de vim morar em São Paulo».

Na sequência da narrativa de Francisca, atentei para determinados aspectos que considero primordiais, pois dizem respeito aos motivos que a impulsionaram a ir morar em São Paulo. Conforme declara, ela tinha o ardente desejo de «virar a página de sua vida». Assim afirma:

Vim de ônibus. Fui na rodoviária, comprei a passagem, fui pra rodoviária, entrei no ônibus e falei: de Andradina eu não quero mais nada! O que tinha que viver em Andradina eu já vivi. Aí, sabe quando você tá lendo uma revista que você vira a página? Assim eu fiz. Virei a página da minha vida! Eu mesma virei a página da minha vida em Andradina.

Por todos os significados possíveis de se extrair dessa narrativa, parece-me significativo o fato de que a decisão de deixar sua terra em direção à grande metrópole, revela-se como atitude –carregada de desejo– de buscar desprender-se de um passado que possivelmente lhe fora fatigante, para ressignificar a vida no presente. Vislumbra-se, pois a cidade como refúgio. Por isso, a ida para São Paulo é tida como oportunidade de «virar a página da vida» e tentar esquecer o passado como se este não deixasse, para sempre, suas marcas. Ademais, a determinante atitude de ir morar na rua, pode ser ainda traduzida como tentativa de reconstrução de sua história em outro lugar.

No embalo de sonhos e desilusões: a paixão por São Paulo

Assim, mobilizada pela intensa busca de reconstrução da vida Francisca dos Reis, deixa sua cidade de origem, sua casa, suas coisas e, decididamente, muda-se para São Paulo. Esta decisão é assim expressa pela narradora:

Eu devolvi a casa quando minha mãe faleceu, porque eu morava de favor. Aí e cheguei no dono da casa e falei pra ele: - ó, agora encerrou. Aqui só tenho lembrança, lembrança, lembrança, e não quero viver de lembrança. Algumas coisas de valor que eu tinha, eu vendi, fiz o dinheirinho pra mim poder vim pra cá e o resto eu doei pra uma instituição que tinha lá e aí entreguei a casa e vim embora. Pois é! Mas é vontade de vim pra São Paulo!

Assim, Francisca dos Reis deixa a casa, abre mão dos parques bens que possuía e entrega-se por inteiro a outra realidade, a outro modo de vida, a outro mundo: o mundo dos sonhos perdidos em meras ilusões de devaneios. Nesse mundo, a narradora vivencia um processo inaugural de um novo aprendizado, o que ela traduz nas seguintes palavras:

Vim pra São Paulo com a cara e a coragem e tô aqui até hoje! E posso lhe garantir que eu não me arrependi. No começo eu tive

medo, no começo eu tive insegurança. O pessoal falava muito mal de morador de rua. Dizia que é tudo drogado, é tudo ladrão, é tudo isso, é assassino, é ex-presidiário, tudo... Mas, graças a Deus, comigo nunca aconteceu nada assim de grave. Aprendi a conviver no meio deles. Tem tudo isso mesmo, mas aprendi a conviver no meio deles. Eu vim e tô aqui, e não vou embora não. Daqui não saio, daqui ninguém me tira.

Francisca acentua que a mudança para São Paulo propiciou-lhe aprender a conviver na rua, «no meio deles», com os diferentes dela, com os «*outros*» cujas práticas e vivências revelam dinâmicas e ritmos distintos de fazer os percursos de sobrevivência nas ruas da cidade. Além disso, essas diferenças aludem aos variados modos com os quais as pessoas marcam sua presença no mundo e à pluralidade das atividades diversas que impõe formas de ordenar a vida na grande cidade.

Desse modo, tal como «teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma», como assinala Calvino,²³ ao se deparar em São Paulo, outros fios são tecidos, outras relações são estabelecidas, buscando encontrar uma forma diferente de orientar a vida na grande cidade. E nessa atitude de busca Francisca se declara apaixonada pela metrópole, nos seguintes termos:

Tô apaixonada! Não importa se aqui é tão... Nossa! Eu ando... Agora depois que eu fiz sessenta anos então, eu consegui bilhete pra andar sem pagar condução. Aprendi andar em São Paulo. Vou no Ibirapuera, vou lá em Santo Amaro, numa instituição que tem lá. Vou aqui debaixo do Viaduto do Chá, ali no Vale do Anhangabaú. Lá passa filme, o pessoal faz artesanato. Tem umas senhorinhas lá que é professora e faz umas coisas muito bonitas. Leio também, porque eu gosto muito de ler. Lá tem biblioteca. Vou no Centro Cultural também, aqui na Vergueiro. Conheci um monte de lugar assim... pra manter a gente ocupada.

Narrativas como essa, deixam transparecer que nada parece ser impedimento para buscar a satisfação dos desejos em relação à cidade. A cidade aparece com um todo no qual, como expressa Calvino, nenhum desejo é desperdiçado e do qual a pessoa faz parte, e, «uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo de se satisfazer».²⁴

23 Calvino, *As cidades*, p. 74.

24 *Ibidem*, p. 17.

Ademais, além de buscar São Paulo por imaginá-la enquanto lugar propício à realização de sonhos e de oportunidade para encontrar soluções para os problemas da vida, como se observa nos fragmentos de memória, a cidade é ilusoriamente sentida pela narradora como lugar onde se pode andar com facilidade e, assim, usufruir de tudo de bom que ela oferece como os espaços de cultura e lazer, atividades que ajudam a manter a vida ocupada.

Não parece ser sem motivos que, nos sentidos dados à cidade, Francisca dos Reis, ainda, incisivamente, atribui a São Paulo a dimensão do paraíso como é revelado nas seguintes palavras: «Nossa! Eu achava isso aqui o paraíso! Gostava de ir no Brás com minha prima que ia lá fazer compras e de ir na Praça da Sé».

A imagem paradisíaca da cidade emerge também na memória de Vera Regina, quando essa narradora recorda os «companheiros de rua» com os quais compartilhou dias e noites de convivência sob viadutos em diversos “cantos” de São Paulo, desde o final dos anos 70. Dessa maneira, esta narradora se refere à cidade:

Olha, para encarar a situação de vida em São Paulo não é fácil. Tem outra: muitos vinham porque antes, o boato é que São Paulo era o céu! Muitos, acho que vem, deixa família pra procurar sorte aqui, essas coisas e acaba que muitos aqui perde a família. Que nem acontecia... a Fortunata, geralmente, morador de rua, ela procurava saber da família. Teve um rapaz mesmo que ela ajudou, soube da família. Teve um rapaz mesmo que ela ajudou, soube da família, a mãe veio buscar. Ele foi e voltou e acabou morrendo na rua. Eu acho que ele era do Nordeste.

Essas associações que aparecem nas narrativas entre a cidade e o paraíso reportam ao tema *As Cidades e Céu*. Convém esclarecer que, de acordo com Silva, na obra produzida por Calvino,

a organização dos textos reflete uma ideia de cidade que se transforma num processo contínuo de construção e de desconstrução. A numeração dos textos, crescente e decrescente, pode ser analisada como o reflexo do império de Kublai Kan, que deambula entre a decadência e a esperança de um futuro. A dualidade construção/desconstrução é expressa engenhosamente na constituição formal da obra e está presente em todas as cidades. (...) À semelhança de um labirinto, as cidades de Calvino estimulam diversos percursos dando espaço à interpretação do/a leitor/a numa linha temporal e espacial descontínua.²⁵

25 Ana Carina Oliveira Silva, *Para uma Cartografia Imaginária Desfragmentação de*

Sendo assim, no conto intitulado *As cidades e o Céu*, Calvino descreve a cidade de Bersabéia, lugar em que se transmite a crença de que, «suspensa no céu existia uma outra Bersabéia onde gravitam as virtudes e os sentimentos mais elevados da cidade, e que se Bersabéia terrena tomar a celeste como modelo, elas se tornarão uma única cidade».²⁶

Uma possível relação entre essa descrição sobre a cidade de Bersabéia descrita por Calvino e os sentidos paradisíacos dados à cidade de São Paulo, como apresentados nas vozes das entrevistadas, provavelmente esteja centrada justamente na criação da imagem de cidade enquanto lugar de perfeição. Detentora de paisagens diversas, São Paulo fascina pelo que ela tem de suntuoso ou belo, como por exemplo, no centro da cidade, a Praça da Sé se apresenta às vistas de Francisca dos Reis. E, mais ainda, por tudo que na cidade parece ser possível realizar, como por exemplo, ir ao Brás para «fazer compras», passear, viver momentos de lazer, entre outras atividades, que na imaginação da narradora, são encantadoras. Essa paisagem dinâmica e repleta de novidades apresenta-se como um céu cujas magnitudes de suas estrelas atraem o olhar para o alto e fazem transcender ideias e pensamentos, projetando um sentido de cidade que está muito além do concreto, do asfalto, do chão, da dureza das calçadas e das prolongadas noites de frio vividas pelos moradores de rua. Trata-se, portanto, de uma cidade idealizada como espaço onde tudo, ilusoriamente é muito perfeito e, dessa forma, imaginariamente parece ser possível viver decentemente a vida.

Importante assinalar que essas imagens que se elaboram sobre a cidade aparecem nas palavras das entrevistadas entremeadas por expressões que, recorrentemente, emergem em narrativas de outras pessoas que vivem em situação de rua. Dessa maneira, expressões como «eu achava» e «o boato era», dão a conotação de algo que realmente se apresenta para essas pessoas, apenas na dimensão do ideal ou de algo que se almeja. Dessa maneira é que a cidade pode ser considerada como lugar para onde acorrem muitos que deixam suas famílias e partem à “procura da sorte”. Neste sentido, a palavra “procurar” se apresenta impregnada da ideia de que esta procura nem sempre tem como efeito o encontro. Tanto é que, ao final do

“*As Cidades Invisíveis*” de Italo Calvino. Tese (Mestrado em Arquitetura), Escola de Arquitetura, Universidade do Minho, Minho, 2013, p.15. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/27608/1/Tese_Ana%20Carina%20Silva_2013.pdf. Acesso em 12/02/2023.

²⁶ Calvino, *As cidades*, p. 107.

relato, Vera Regina acentua que o rapaz a que ela faz referência foi, possivelmente, para o Nordeste, depois voltou para São Paulo e acabou morrendo nas ruas dessa cidade.

Dessa maneira, para muitos, a mudança para a cidade movida pelo sonho de nela viver como se fosse no paraíso, transforma-se em um ritual de passagem para uma vida infernal. Ilusões se estendem pelas calçadas, sonhos se desmancham por inteiro e a vida se torna ainda mais complicada, triste e permeada por sofrimentos.

A dor de viver na rua: a negação de direitos

Atinei para a questão do sofrimento, pois nas entrevistas esse termo aparece de forma recorrente assinalando as narrativas sobre as lembranças das experiências vividas. Nesse sentido, uma situação *sui generis* foi a vivenciada durante a entrevista realizada com outra narradora de nome Sueli Aparecida Correa. Esta entrevistada nasceu em Freguesia do Ó, distrito localizado na zona noroeste do município de São Paulo, em 28 de agosto de 1959. Estudou até o quinto ano do ensino primário. A entrevista ocorreu na Casa de Oração do Povo da Rua, localizada no Bairro da Luz em São Paulo, em 28 de agosto de 2014. Logo que lhe pedi: «Sueli, me fale sobre os seus sonhos», imediatamente veio à tona a expressão de um sentimento de dor profunda, regadas de lágrimas incontidas que perduraram todo o tempo de duas horas de duração da entrevista. Assim, a narradora se manifesta

Ah, eu já não tô pensando nessa coisa de sonho não. Ah! Eu já tô meio... perdi a esperança, sou pessimista. Caí em outras realidades, dura, triste, muito cruel, muito sofrimento. Já não tô... Não é que eu... ah, vou cair, vou morrer, vou me matar...não! Mas, não tô... não tô contente, não sou contente. Eu não sei o que é essa palavra, o que é contente. Sempre tive essa esperança de chegar lá. Já tive essa esperança de ser feliz, porque eu nunca fui feliz. É muita injustiça! Então eu tô meio... eu sei que é bom ter esperança. Lógico! Mas, eu não tô muito pra sonho não. Eu quero é realidade!

Ao narrar a experiência de vida em situação de rua em São Paulo, Sueli Aparecida evidencia o sentimento de tristeza, descontentamento, desesperança e, ao mesmo tempo denuncia a injustiça vivida pelas pessoas que se encontram nessa situação, nas cidades brasileiras. Em sua definição, «a rua é cruel. É muito perigoso. Friage, sofrimento, humilhação, perigo».

Ainda são recorrentes as referências às formas específicas de violência sofrida no ambiente da rua, manifestada em palavras como “brutalidade”, “tortura”, “covardia”, “castigo”, resultantes da força impostora, da delação, paradoxalmente definida por muitos como “autoridade”, e que é reafirmada nas palavras de Sueli Aparecida Correa, como o maior perigo, que, na rua mais lhe causa pavor:

polícia, polícia, policiais. As provas tão aí. A maioria é tudo policial que mata morador de rua, homem, mulher... Ah! Horrível! Triste, muito perigoso! Por isso que eles dormem tudo em grupo pra um proteger o outro. Por que senão... Não confio de proteger muito na hora que... quem vai ficar ali? Não! tem reação de revólver, bala saindo... cê nunca sabe.

A pesquisa indica pistas de que o poder exercido pela polícia é percebido como truculência, coerção e manipulação. Assim sendo, compreendo que o uso das expressões: poder coercitivo e manipulador é o que melhor elucida os sentidos que, em geral, a população em situação de rua atribui a essa relação no cotidiano da cidade. Entre essas pessoas, reina a desconfiança, o medo, pois diariamente vivem sob ameaças.

Em adição, a narradora revela-se ainda exausta por esperar viver a dignidade inerente à sua condição humana. O cansaço resultante dessa espera é expresso com incisivo e ensurdecedor grito, no literal sentido da palavra. Num tom de fortíssimo desabafo a entrevistada assim se manifesta:

Sabe o que eu quero? Eu quero pisar, eu quero ver, eu quero sentir, eu quero ter isso: Realidade! Eu não quero ah! Só sonho, só ficar esperando. Esperança? Sonho?... Eu quero ter direitos. Esperança de ter nossos direitos. Cadê?! Aonde? Na rua não temos! Tem que apanhar, tem que sofrer até morrer! Ser matado e ficar impune.

Logo, toda a tônica de negação da rua é fundamentalmente associada à violação de direitos, ao abandono, às agressões físicas, às incontáveis formas de tentativas de homicídios, ameaças de morte e ao constante risco de extermínio aos quais as pessoas estão expostas noites e dias. Assim, ao narrar o medo da violência sofrida nas ruas, Sueli Aparecida reafirma o sentimento do que é viver «sem direito a nada».

Porque a gente não tem direito a nada! É só sofrer, sofrer e sofrer. Chorar e ficar calada! Ser humilhada, humilhada, tirada como

lixo e ficar calada. Ninguém merece isso! Se essas palavras for pros outros ouvintes, outras bocas, sentimentos, pessoas, gente de carne humana, de carne e osso... é preciso acordar pra cidade que existe esse outro mundo! Não é mentira! Nós não tamo...não somos doentes mentais não. Não somos loucos, nem loucas não. Nós somos sãos, conscientes, normais de boa consciência. Nós estamos sofrendo a realidade. Não existia na Alemanha o Hitler? Agora existem outros. Resumindo: brasileiros de hoje... Existia um Hitler, não existia lá na Alemanha? Agora existem outros.

Neste prisma, Frugoli assinala que existe um consenso, no fato de que a vida na rua, além de vertiginosa, é breve, em razão das permanentes ameaças.²⁷ Similarmente a esse tom de negação da rua, Vera Regina também declara ser «a rua o fim do fim», pois a rua impede de pensar no dia de amanhã ou no que poderá viver depois. Na rua não se cria esperança, não se vislumbra horizontes de expectativas. Desse modo, vive-se conforme palavras ditas por Vera Regina, numa espécie de

beco sem saída. Olha, a rua... acho que a rua é em último caso, minha fia! Cê não tem esperança não! Cê quando tá na rua, acho que não pensa nem se amanhã ou depois, cê vai sair. Nem pensa! Acho que a rua é o fim do fim, sabe? Embora ninguém queira morrer, mas... Eu não esperava sair da rua. Achava que nunca ia sair, entendeu? Achava que eu ia ficar ali até o fim do dia. Cê não cria esperança.

As denúncias dessas situações vividas no contexto atual remetem-nos a Charles Baudelaire, sobre a cidade do século XIX. No poema intitulado *A destruição*, o poeta argumenta sobre essa cidade enquanto lugar infernal. Assim, esse lugar enche o homem «de um desejo eterno e criminoso», «tem sempre um ar de pura hipocrisia» e o conduz, «assim, longe do olhar de Deus». Nele, o homem vive destruído com «o peito a repartir-se de morna exaustão, pelas terras do tédio, infinitas, desertas», para depois jogar os torvos olhos. [...] ascorosos rasgões e feridas abertas e os aparelhos a sangrar da destruição».²⁸

Portanto, subentende-se que a rua pode ser concebida como o

27 Heitor Frugoli Jr., *São Paulo: espaços públicos e interação social*, São Paulo, Marco Zero, 1995, p. 57.

28 Charles Baudelaire, *As flores do mal*, São Paulo, Editora Martin Claret, 2002, pp. 124-125.

último refúgio do ser humano, o lugar para onde acorrem os que não têm lugar no mundo.

Uma aparente compatibilidade entre a rua e o sentido da liberdade

Um aspecto importante a ser considerado a partir do que vi e ouvi das mulheres entrevistadas é que as vivências da solidariedade, da ajuda mútua da partilha e da amizade, em determinadas circunstâncias, revelam-se como uma espécie de consolo e de enfrentamento do prolongado estado de aflição, de medo e de vulnerabilidade. Sendo assim, na rua, o medo é recorrentemente posto à prova. Francisca dos Reis traz à tona essa questão ao rememorar os primeiros dias e noites vividos nas ruas de São Paulo.

Eu, antes de vim pra São Paulo, nunca tive a experiência de dormir na rua. As primeiras noites... os primeiros dias foi assustador. Cê nem dorme, na verdade porque o povo fala tanta coisa! É igual mulher que tá grávida quando vai ter neném, cada um conta uma história diferente. Sempre coisa ruim. E eu fiquei muito assustada na verdade, mas depois eu vi que não era nada daquilo. Aí eu comecei a fazer amizade. Tanto é que eu fiquei dois anos em um lugar só! Dormindo no mesmo lugar, armando minha barraca no mesmo lugar. Já virou como se fosse uma família as pessoas. Era sempre as mesmas pessoas todo dia.

Nessa situação, os vínculos estabelecidos são tão frágeis e efêmeros que estimulam a solidariedade e a formação de um senso de pertencimento, espaço onde paradoxalmente se experimenta o sentido da liberdade.

Além do mais, pensar sobre o que é viver na rua e entendê-la no sentido da liberdade é algo que surge aos nossos sentidos de modo insólito, tendo em vista que, em geral, temos (pré)conceitos acerca da rua e das pessoas que assim vivem. Por conseguinte, quando escutamos alguém afirmar que se sente livre, vivendo em situação de rua, somos imediatamente impulsionados a questionar sobre a verdadeira essência da liberdade que essa pessoa afirma viver e, se de fato, é possível ser livre tendo a rua como moradia. Como adverte Da Matta,²⁹ para “ver” e “sentir” o mundo do outro é necessário empatia.

Da mesma forma, entendo que para sentir «o mundo da rua» é imprescindível que se contemple esse mundo na perspectiva das

29 Da Matta, *A casa & a rua*, p. 29.

peessoas que não apenas falam sobre a rua, mas vivem imersas nela diuturnamente. Nesse prisma, sobre o que sente sobre a rua, assim se expressa Francisca dos Reis:

Querendo ou não, pra falar a verdade, agora eu vou falar por mim mesma, sabe? Uma certa liberdade. Tem uma certa liberdade na rua. Porque cê não tem que dar satisfação pra ninguém, cê não tem que dá bença pra ninguém. Cê não tem obrigação com ninguém. É você e você mesma. Você e sua vida, sua vida e você! Então, tem esse lado aí. Eu acho que muitas pessoas que nunca viveram isso e acha assim: querendo ou não, é um mundo novo, uma vida nova.

De narrativas como essa, é possível inferir que o sentido da liberdade alcançada em situação de rua está diretamente relacionado ao fato de, hipoteticamente, a pessoa nesta situação, não ter de submeter suas ações a julgamentos, imposições e determinações de outrem no cotidiano. Ademais apreende-se que a rua parece induzir ao individualismo, o que faz com que as pessoas tenham a sensação de ser livres para orientar suas próprias vidas. Porquanto, entendo que o prolongamento do tempo de vida na rua entorpece, vicia, faz a pessoa estabelecer um vínculo de intimidade tão forte com a rua de tal forma que se sente impedida de perceber-se fora dela. Nesse sentido é que talvez se possa pensar, como afirma João do Rio que «a rua faz o indivíduo. As ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes que há até ruas em conflito com outras ruas».³⁰

Além disso, tudo indica que a liberdade da qual muitos dizem usufruir, parece ter apenas um sentido aparente, pois entendo que o exercício da liberdade vincula-se ao direito de ser, de existir e de participar do mundo. Neste sentido, o desabafo que Sueli Aparecida Correa faz durante a entrevista é elucidativo. Assim, a narradora denuncia: «Nós, os moradores de rua, somos vistos com preconceito. Somos pobres, sem estudo, sem profissão. Somos vistos como lixo! Se não é lixo é um trapo, um farrapo humano».

Ademais, os sentimentos expressos em narrativas como essa são manifestação de uma forma de visibilidade pelo avesso, isto é, a visibilidade do preconceito que lamentavelmente predomina na sociedade brasileira.

No nível de relação em que não se considera sujeito, a alteridade inexistente, portanto, a pessoa não é considerada como capaz de pensar e de praticar qualquer ação merecedora de crédito.

30 Rio, *A alma*, p. 23.

Sendo assim, estas considerações remetem a Stuart Hall, que considera que os espaços disponibilizados para a diferença «são poucos e dispersos, e cuidadosamente policiados, regulados e limitados».³¹

As narrativas indicam fortes expressões de denúncia da estrutura de dominação “perversa” sofrida pelas pessoas em situação de rua. Neste sentido, há em minha compreensão a descrição do que Hall entende como “resistência agressiva à diferença” e uma “abertura ambígua” para essas diferenças e para as margens.

Considerações finais

Cabe, por fim, assinalar que além da complexidade das questões atinentes ao tema tratado neste artigo, um ponto importante a ser ainda considerado é que o Brasil ainda necessita avançar para uma contagem censitária consistente que apresente de forma precisa o número de pessoas em situação de rua. Todavia, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), estima que a população que sobrevive nessa situação cresceu 38% entre 2019 e 2022, quando atingiu 281.472 pessoas.³²

Em 2015 foi realizada uma primeira estimativa nacional envolvendo 1.924 prefeituras. Essa estimativa, atualizada em março de 2020, revelou que em 1.940 municípios brasileiros, havia 124.047 pessoas em situação de rua. Já no ano de 2021, em 1.998 municípios, esse número subiu para 181.885 pessoas nessa situação.³³

Os recentes levantamentos apontam que no decorrer de uma década, isto é, entre 2012 e 2022, esse segmento populacional cresceu 211%, demonstrando uma expansão que supera a da população brasileira na década de 2011 e 2021, conforme comparação com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).³⁴

31 Hall, *Da diáspora*, p. 377.

32 Marco Natalino. *Estimativa da População em situação de Rua no Brasil*, Brasília, 2022, pp. 15-16. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT_Estimativa_da_Populacao_Publicacao_Preliminar.pdf. Acesso em: 12/02/2023.

33 Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 12/02/2023

34 Marco Natalino. *Estimativa da População em situação de Rua no Brasil*, Brasília, 2022, p.18. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11604/1/NT_Estimativa_da_Populacao_Publicacao_Preliminar.pdf. Acesso em: 12/02/2023.

Ademais, no Brasil, conforme assinalam Rosa e Brêtas,³⁵ é embrionária a abordagem sobre as especificidades das mulheres que sobrevivem em situação de rua. No campo acadêmico há uma defasagem de publicações sobre essa temática. De acordo com dados do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, o número de mulheres que vivem nas ruas é bem menor, se comparado ao número de homens que estão nessa situação. Sendo assim, a estimativa é de que a porcentagem de mulheres em situação de rua é de, aproximadamente, 18% no cenário nacional.³⁶ Outrossim, conforme censo e caracterização socioeconômica da população em situação de rua no município de São Paulo, o percentual de mulheres é de 13%, atingindo um número de 1.885 mulheres em um contingente de 14.478 adultos ou idosos em situação de rua.³⁷

Por conseguinte, reitero a importância do aprofundamento dessa discussão, dada a complexidade dos problemas que dizem respeito às pessoas - em especial às mulheres - que nas ruas das cidades vivem em situação de extrema vulnerabilidade. Há que se levar em conta que pesquisas dessa natureza, contribuem para dar visibilidade a pessoas que, ao se depararem com a quebra de seus laços sociais e afetivos, vivem outras sucessivas perdas como a perda do direito ao trabalho, do direito ao reconhecimento, do direito à identidade, do direito à cidade, enfim, do direito de ter direitos.

Abstract: I miei interessi scientifici si sono concentrati da tempo su un insieme di questioni concernenti la popolazione di strada nelle città brasiliane. Capire le componenti di questo gruppo sociale è stata la motivazione che mi ha spinto a intraprendere un percorso di ricerca nella città di São Paulo, in Brasile, dagli anni Settanta del secolo scorso al 2005. L'esistenza della popolazione di strada è una delle manifestazioni delle relazioni diseguali che dominano la società contempora-

35 Anderson Da Silva Rosa, Ana Cristina Passarella Brêtas, *A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo*, Brasil, Interface - Comunicação, Saúde, Educação [en linea]. 2015, 19(53), 275-285 [fecha de Consulta 20 de Abril de 2023]. ISSN: 1414-3283, disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180139468005> Acceso em: 12/02/2023

36 Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Meta Instituto de Pesquisa de Opinião. Sumário Executivo. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília (DF): Meta Instituto de Pesquisa de Opinião, SAGI, 2008.

37 Prefeitura do Município de São Paulo. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Censo e caracterização socioeconômica da população em situação de rua na municipalidade de São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/censoeca-racteriz.pdf. Acceso em: 12/02/2022.

nea ed è necessario cogliere la struttura sociale nella quale questo gruppo si inserisce. Esso è composto anche da donne con diverse provenienze, esperienze e storie che sono l'oggetto privilegiato di questo articolo. In particolare sono qui analizzate le narrazioni di tre donne, al fine di capire alcune delle ragioni per le quali esse sono passate a vivere per le strade della città e di analizzare i significati che esse attribuiscono allo spazio urbano. Nel corso della ricerca sono state adottate procedure peculiari della storia orale e con una metodologia che supporta la partecipazione dei soggetti studiati e la costruzione collettiva della conoscenza.

Issues related to people experiencing homelessness in Brazilian cities have been the main target of my academic attention for quite a long time. An exploration of the components of such social group drove me to undergo extensive research in the city of São Paulo in the period between 1970 and 2005. The very existence of homelessness is one of the manifestations of the actual relationships in contemporary society. Therefore, when dealing with people struggling with homelessness, we must consider the social situations that create the structures a social group belongs to. This homeless group includes a contingent of women, with an exquisite diversity in their perceptions of life, experiences and stories. Women who are surviving homelessness in the city of São Paulo are in fact the main focus of this article. In particular, the life trajectories of three homeless women are observed with the purpose to enhance the comprehension of the reasons why they started to live on the streets, and analyze their perceptions of the urban space. In the course of my research, I adopted methodological procedures typical of oral history, together with a methodology which supports the participation of the subjects of study, and the collective construction of knowledge.

Keywords: Brasile, São Paulo, Donne senza casa, XX secolo; Brazil, São Paulo, Homeless Women, 20th century.

Biodata: Maria Vany de Oliveira Freitas è laureata in *Storia* e dottoressa magistrale in *Scienze Sociali* presso la Pontificia Universidade Católica de Minas-Gerais (Brasile); è dottoressa di ricerca in *Storia Sociale* presso l'Università di Brasilia. È docente nella scuola pubblica dello Stato brasiliano di Goiás e presso due centri universitari della città di Goiânia. È stata consulente metodologica del Movimento Nacional de População em Situação de Rua. Nel 2018 ha ricevuto il primo premio Ecléa Bosi della Associação Brasileira de História Oral. È iscritta alla Associação Nacional de História-ANPUH (vanyoliv@yahoo.com.br).

Maria Vany de Oliveira Freitas received a BA in *History* from the Pontifical Catholic University of Minas Gerais, PUC-MINAS, an MA in *Social Sciences* with specialization in *City Management* from PUC-MINAS, and a PhD in *Social History* from the University of Brasilia UnB. She is a high school teacher at the University Center - UNICAMBURY, in Goiânia-GO, at the University Center UNIFANAP, in Aparecida de Goiânia - GO, and in the network of state education of the State of Goiás - Brazil. She has worked as a methodological advisor to the National Movement of Homeless Population. In 2018 she received the First Ecléa Bosi Thesis Award from the Brazilian Association of Oral History. She is a member of the National Association of History - ANPUH (vanyoliv@yahoo.com.br).